

Itaipu Binacional: a reinvenção do espaço e o movimento da memória¹

Itaipu Binacional: the reinvention of space and the movement of memory

Maria de Fátima Bento Ribeiro²

Resumo: Falar em Patrimônio é falar também de memória, pois o patrimônio é constituído de histórias e de memórias de um país, de uma cidade ou de um local, e também de culturas que dão sentido aos lugares, às paisagens. A memória é uma força ativa que pode reatualizar os eventos do passado, na medida em que estão entrelaçados com a experiência presente. A construção da Usina Itaipu Binacional, objeto de análise, enquanto um monumento polissêmico é permeado por linguagens que nos permitem muitas leituras, evocando histórias, reverberando memórias, são vozes de diferentes grupos que podem ser ouvidas. As paisagens são dinâmicas, portadoras de sentidos, que trazem marcas da ação dos homens e da natureza e que revelam uma narrativa dos espaços, dos lugares, seja de dor ou de perda, de sucesso, de desafio, de medo, de trabalho etc. Nessa perspectiva, objetivamos refletir sobre o monumento para além da importância que possui a geração de energia produzida, principalmente no campo das energias renováveis, enfatizando a força da história e da memória que os patrimônios carregam.

Palavras-chave: Itaipu Binacional. Patrimônio. Memória. História. Sentidos.

Abstract: To speak in Patrimony is also to speak of memory, because the Patrimony is constituted of stories and memories of a country, a city or a place, and cultures too that gives sense to places, to landscapes. Memory is an active force that can update again the events of the past in that they are intertwined with present experience. The construction of the Itaipu Binacional Power Plant, object of analysis, as a polysemous monument is permeated by languages that allow us many readings, evoking stories, reverberating memories, it is voices of different groups that can be heard. Landscapes are dynamic, meaningful, that brings marks of the men's action and nature's action and it reveals a narrative of spaces, places, whether of pain or loss, success, challenge, fear, work etc. In this perspective, we aim to reflect on the monument beyond the importance of the generation of the energy produced, especially in the field of renewable energies, emphasizing the history and memory' strength of that the heritage carries.

Keywords: Itaipu Binacional. Patrimony. Memory. History. Sense.

Palavras iniciais

¹ Texto originalmente apresentando na Conferência de Abertura, do 10 Seminário Patrimônio Cultural, realizado entre, 24 a 28 de abril de 2017, na Fundação de Ouro Preto(FAOP).

² Professora Dra. de História no curso de Relações Internacionais, ambientado no Centro de Integração do Mercosul, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Responsável pelo grupo de estudos *Culturas, Poder e Fronteira*. E-mail: mfabento@hotmail.com.

Falar em Patrimônio é falar também de memória, pois o patrimônio é constituído de histórias e de memórias de um país, de uma cidade, de um local, é falar, também, das culturas formadoras que dão sentido aos lugares, às paisagens, dentro, entre e além-fronteiras. A memória é uma força ativa, é dinâmica (cf. SAMUEL, 1997). Decca (1999) em suas reflexões ensinou-nos que a memória, diferente da história, reatualiza os eventos do passado, na medida em que eles estão entrelaçados com a experiência presente. Em suas palavras, “apaziguar os eventos do passado, assim se constitui o trabalho da história, muito diferente da memória que os reatualiza, exigindo que eles entrem novamente, na experiência do vivido, se debatam e se confrontam, com novo presente” (DECCA, 1999. p. 115).

A nosso entender, o Patrimônio assim como a memória tem esse dinamismo, evidenciando disputas, conflitos e contradições do passado que se confrontam no presente. Nesse sentido, a preservação do patrimônio trabalha sempre com essa dialética, com essa dinâmica do lembrar e do esquecer. Conforme a acepção de Castriota (2000) trata-se de

um campo que se articula de forma diferente nos diversos contextos nacionais. Implementados tradicionalmente pelos estados, as políticas de preservação trabalham com a dialética lembrar-esquecer: para criar uma memória nacional privilegiam-se certos aspectos em detrimento de outros, iluminam-se certos momentos da história, enquanto outros permanecem na obscuridade” (CASTRIOTA, 2000, p. 65).

A construção da Usina Itaipu Binacional, objeto de análise deste texto, enquanto um monumento polissêmico é permeado por linguagens que nos permitem muitas leituras, evocando histórias, reverberando memórias, são vozes de diferentes grupos que podem ser ouvidas. As paisagens são dinâmicas, portadoras de sentidos, que trazem marcas da ação dos homens e da natureza e que revelam uma narrativa dos espaços, dos lugares, seja de dor ou de perda, de sucesso, de desafio, de medo, de trabalho etc. Nessa perspectiva, objetivamos refletir sobre o monumento para além da importância que possui a geração de energia produzida, principalmente no campo das energias renováveis, enfatizando a força da história e da memória que os patrimônios carregam, possibilitando aparecer aspectos nem sempre privilegiados tal como propõe Castriota (2000).

1. Desenvolvimento: paisagem natural, paisagem artificial e a reinvenção dos espaços

A cidade de Foz do Iguaçu é conhecida internacionalmente pelo Parque Nacional do Iguaçu, que em 28 de novembro de 1986, foi inscrito na lista de Patrimônio Natural Mundial, pela UNESCO, onde se localiza as Cataratas do Iguaçu com seu “eterno espetáculo das águas”.³ No ano de 2011, porém, perto de completar cem anos de existência⁴ não havia nenhum prédio tombado na cidade e isto foi motivo para que os políticos locais pressionassem o poder público para a preservação de prédios considerados históricos e importantes para memória local, haja vista sua destruição pela ação do tempo. Então, só no ano de 2016 foi criada a lei municipal de proteção do patrimônio, cultural, artístico e ambiental n. 4.470/2016⁵, e esta lei também cria o conselho Municipal de Patrimônio Cultural (CEPAC).

A cidade em questão apresenta uma grande diversidade cultural e multicultural, com mais de 80 nacionalidades de imigrantes, “os maiores contingentes originários do Líbano, China, Paraguai e da Argentina” (CARDOZO; DEMCZUK, 2015, p.412). E mais, de acordo com o estudo de Cardozo e Demczuk (2015), “nas Américas, apenas Nova Iorque e São Paulo teriam tal ou maior expressividade multiétnica” (p.412). Outro fator que merece destaque segundo as autoras refere-se ao número de visitação da cidade, considerado o segundo espaço mais visitado, a paisagem artificial do imenso complexo arquitetônico e a hidrelétrica de Itaipu com o seu complexo turístico, em que o turista pode visitar o Ecomuseu de Itaipu, o refúgio biológico *Bela Vista* e a monumental iluminação noturna considerada de muita emoção⁶.

Considerada a sétima maravilha do mundo moderno na lista elaborada pela *Revista Mechanics*, dos Estados Unidos, em 1995. Esta lista foi feita com base em pesquisas

³ Para maiores detalhes, pode ser acessado o site:

<http://ambientes.ambientebrasil.com.br/unidades_de_conservacao/artigos_ucs/parque_nacional_do_iguacu_%E2%80%93_93_patrimonio_natural_da_humanidade.html>. Acesso em 22.04.2014 às 14h40.

⁴ O município de Foz do Iguaçu foi criada em 1914 com o nome de “Vila Iguaçu” (uma ex. Colônia Militar, cuja história começa em 1542). Ver: <http://www.visitefoz.com.br/foz-do-iguacu/centenario-de-foz/>. Acesso em 22.04.2017 às 14h48.

⁵ Para outras informações, pode ser acessado o site: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/2016/447/4470/lei-ordinaria-n-4470-2016-dispoe-sobre-a-protecao-do-patrimonio-cultural-historico-artistico-e-ambiental-do-municipio-de-foz-do-iguacu-e-da-outras-providencias>>. Acesso em 20/04/17 às 12h.

⁶ Fonte: Disponível em: <<https://www.turismoitaipu.com.br/>>. Acesso em: 20/04/17 às 13h40min.

realizadas pela Associação norte-americana de engenheiros civis e contou com engenheiros de diferentes países⁷. Em 2007, novamente é incluída em listagem das maravilhas do mundo contemporâneo elaborada pela rede de televisão *Cable News Network* (CNN). Nesta lista aparecem as grandes obras de engenharia, técnica e *design*⁸.

A barragem cotidianamente recebe milhares de turistas de todas as partes do mundo que se declaram surpresos e impressionados com sua grandiosidade e capacidade humana⁹. Ela é representada como modelo de integração regional, de construção para engenharia, de energia renovável, de gestão, de sustentabilidade, de cuidado com meio ambiente, de política externa, e como se encontra localizada na fronteira do Brasil com o Paraguai, é considerada uma paisagem artificial compartilhada entre os dois países.

Nesse sentido, a barragem é um bem cultural brasileiro e paraguaio, construída no rio Paraná em condomínio com os dois países, composta por elementos naturais, geográficos, históricos e culturais. Um espaço resultante da ação do homem com auxílio da tecnologia que apresenta todos os elementos pertinentes ao patrimônio cultural, ambiental, material e imaterial, sendo conceituado um monumento polissêmico, permeado por muitas linguagens que nos permite diferentes leituras, evocando histórias, reverberando memórias, cujas vozes representam grupos diversos numa mescla de tradições culturais indígenas e ocidentais.

Em 2016, a Itaipu Binacional atinge uma produção histórica de 103.098.366 *megawatts/hora* (MWH) e estabelece uma nova marca mundial, momento esperado e comemorado por centenas de seus funcionários. Com a produção de energia, projetos relacionados à sustentabilidade ambiental, desenvolvimento econômico e o complexo turístico, fazem da barragem um símbolo para além da importância que possui a geração de energia produzida, principalmente no campo das energias renováveis. E tal fato remete-nos a refletir sobre a força da história e da memória que este patrimônio carrega.

Sabemos de antemão, que memória e história são diferentes apesar de inseparáveis. Visto isso, podemos retomar que o turista que visita o espaço mencionado é seduzido pela beleza do lugar, pois nele existe uma mescla de futurismo, proporcionado pelo gigantismo

⁷ A lista atual é formada pelo Coliseu (Itália), ChiChén Itzá (México), Machu Picchu (Peru), Cristo Redentor (Brasil), Muralha da China (China), Ruínas de Pedra (Jordânia), Taj Mahal (China). Fonte: Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/turismo/?idMenu=1711>>. Acesso em: 20/04/17 às 12h30min.

⁸ Fonte: Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.py/institucional/premios>>. Acesso em: 18/04/17 às 16h27min.

⁹ Fonte: Disponível em: <<https://www.turismoitaipu.com.br/>>. Acesso em: 18/04/17 às 18h26min.

da obra e por aquilo que a técnica pode proporcionar, somado à forte presença da natureza, tendo um efeito avassalador: paisagem natural e paisagem artificial. Se por um lado, há este efeito impactante que proporciona com seu cenário futurista, um espetáculo de luzes e sons, podemos pensar que, por outro lado, oculta outras histórias e memórias, conflitantes, que não se encontram preservadas e que tendem cair no esquecimento, frente o significado e a importância à produção de energia que assume a obra na contemporaneidade.

Na visão de Benjamin (1987), quando tratava de suas teses sobre o conceito de história:

nunca houve um monumento de cultura que também não fosse um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1987, p. 225).

Nesse sentido, vale-nos olhar atentamente ao monumento Itaipu Binacional e aos seus aspectos culturais na tentativa de não só descrevê-los enquanto tais, mas objetivando verificar e compreender as vozes participantes e atuantes de todos esses anos. Vejamos abaixo o espaço a que tanto mencionamos:



Figura 1 – Vertedouro Iluminado

Fonte:

<https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=NNk1VQE8&id=707AB6642013B771E9FD84F34454CAD0AFC28392&q=painel+do+barrageiro&simid=608043718450153777&selectedIndex=8&mode=overlay&first=1&thid=OIP.NNk1VQE883TOZmVvQjElTgEsB9>. Acesso em: 20/04/17 às 16h30min.

O projeto de Itaipu nasceu de uma questão não resolvida, conforme relatado no site do *Portal Brasil*,

a construção de Itaipu foi motivada não apenas pela questão energética, mas também pela necessidade de se resolver impasse na fronteira entre Brasil e Paraguai, cuja origem se encontra na assinatura do Tratado Permuta de 1750, entre Espanha e Portugal. Com a guerra do Paraguai esse impasse ganhou força, uma vez que o tratado de paz firmado em 1872 recebeu interpretações divergentes quanto as fronteiras nele definidas, mais especificamente na região do salto de Sete Quedas (PORTAL BRASIL, 2011).

Esse tensionamento teve que ser resolvido por meio dos órgãos responsáveis no arbitramento de questões internacionais que no caso brasileiro, compete ao Itamaraty. Na memória de Mario Gibson Barbosa, no livro *Na diplomacia o Traço todo da Vida* (1992), revelam-se as formas como foram conduzidas questões relacionadas ao litígio da fronteira do Brasil com Paraguai, em um período de ditadura.

De acordo com pesquisas por nós realizadas, foi o Itamaraty que decidiu pelo projeto em parceria com o Paraguai, e o período corresponde ao da ditadura militar não somente no Brasil, mas também no Paraguai. Para tanto, foi necessário um Tratado binacional, algo novo no campo do direito internacional, resultando no Tratado de Itaipu de n. 26.04.73¹⁰, instrumento que se origina a hidrelétrica, um tratado jurídico estabelecido entre os dois países com características diversas.

O tratado, atualmente, é considerado por Sória (2012) como um

alicerce jurídico para a criação de uma empresa pública binacional que se tornou um dos principais motores de desenvolvimento econômico, social e ambiental da região oeste do Paraná, e que com sua atuação interdisciplinar e abrangente “ilumina” todo nosso estado e fornece a energia que garante o crescimento econômico do Brasil e do Paraguai [grifo do autor] (SÓRIA, 2012).

Nesse caminho, a construção da hidrelétrica de Itaipu afetou diretamente os municípios da região oeste do Paraná, dentre eles: Foz do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu, Medianeira, Matelândia, Santa Helena, Marechal Cândido Rondon, Terra Roxa e Guaíra, tendo em vista a necessidade da construção de um reservatório. Nesse contexto, uma área

¹⁰ Fonte: Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/positionpapers/um-tratado-justo>>. Acesso em: 20/04/17 às 16h.

de 1.350 km² foi submersa, sendo 780km² no lado do Brasil e, 570km², no Paraguai (cf. RIBEIRO,2002). O processo de construção durou décadas, iniciaram-se obras em janeiro de 1975, e finalizou-se o trabalho em 1991. Dentre os acontecimentos nesse período, a data de 13 de outubro de 1982 é importante, pois marca o início do enchimento do reservatório¹¹, e como consequência, a transformação dos espaços paisagísticos da região.

Para a construção deste espaço foi preciso um projeto ousado pelas inovações técnicas na área da engenharia de construção de barragens e desvio do rio, considerado o sétimo em volume de água. Isto não foi tarefa simples foram 56 toneladas de explosivos utilizados no desvio do cauteloso rio. O trabalho era contínuo e ininterrupto, e os riscos de vida faziam parte da rotina. Assim na medida que a obra ia sendo construída e erguida no leito do rio, a memória de sua construção constituía-se em muitos dos “causos”, criados e narrados nas horas de folga. Esses causos dos barrageiros, coletados em RIBEIRO(2002), remetam a essa fase de concretagem, salientando que os funcionários é que teriam sido concretados em função de seu trabalho exaustivo.

Ainda temos nos causos contados pelos barrageiros outro elemento importante sobre o concreto, neste caso, o concretado era sempre o paraguaio. Através dos causos podemos perceber outra significação do termo que vai além dos elementos que nos remetem às técnicas utilizadas no ambiente de trabalho, tratando-se de preconceitos com o outro, com os “xirus”, uma forma pejorativa em que eram chamados os trabalhadores paraguaios. Com relação a este universo de trabalho são vários os elementos que compõem esse ambiente, e alguns estão preservados nos acervos da barragem (cf. RIBEIRO,2002).

No interior do espaço da barragem, existe um belíssimo painel do artista paranaense Napoléon Portiguara Lazzarotto (Poty) que presta uma homenagem aos anônimos barrageiros que construíram a hidrelétrica. O painel do barrageiro foi construído no mirante da barragem e tombado pela Secretaria do Estado de Cultura (SEEC) do Paraná, como Patrimônio Cultural do Paraná, inaugurado em 1998, sendo um dos últimos trabalhos do artista¹².

¹¹ “No prazo de 15 dias o Rio Paraná passou da cota 109 msnm (metros sobre o nível do mar) para a cota 205,80 msnm, elevando-se quase 100 metros (SÓRIA, 2012, p. 107).

¹² Fonte: Disponível em: <<https://www.brasil.gov.br/cultura/2014/10/painel-do-barrageiro-e-tombado-como-patrimonio-cultural-do-parana>>. Acesso em: 08/04/17 às 16h28min.



Figura 2 – Painel do Barrageiro

Fonte: Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=NNk1VQE8&id=707AB6642013B771E9FD84F34454CAD0AFC28392&q=painel+do+barrageiro&simid=608043718450153777&selectedIndex=8&mode=overlay&first=1&thid=OIP.NNk1VQE883TOZmVvQjEITgEsB9>. Acesso em: 20/04/17 às 16h30min.

O trabalho ilustrado acima juntamente com outros espetáculos proporcionados pelo complexo turístico de Itaipu colocam questões importantes a serem refletidas, como por exemplo, o que é selecionado para ser parte da memória e o que é fadado ao esquecimento, ao desaparecimento.

No passado, as terras da região atingidas pela hidrelétrica de Itaipu delimitavam o território dos antigos guaranis. Itaipu é uma palavra de origem guarani que significa “pedra que canta”. Porém, a história também tem seu lado triste, pois no ano de 1982, o enchimento do reservatório implicou em impactos ambientais e sociais causando prejuízos à flora, à fauna e aos indivíduos pelas inundações. Houve o impacto também no patrimônio material e imaterial. Toda uma paisagem é alterada. Toda uma paisagem é reinventada.

Para a construção do reservatório fez-se necessário, naquele momento, que os moradores abandonassem suas casas, escolas, igrejas, cemitérios etc., porque tudo seria destruído pelas águas do rio. Outro exemplo que pode ser citado trata-se dos agricultores que tiveram que se deslocar para outras regiões do país ou atravessar fronteiras nacionais, na busca de terras que eram ofertadas também, pelo vizinho Paraguai. Não esquecendo os índios avá-guaranis que, da mesma forma, tiveram as terras inundadas, alojando-se na fronteira.

Sobre a fauna, durante os dias de formação do reservatório do Lago de Itaipu, os animais subiam nas copas das árvores em busca de refúgio. Esse evento foi denominado de operação *Mymba Kuera* (em guarani, pega bichos), resultando num artesanato produzido na comunidade guarani de Ocoy, em São Miguel do Iguaçu, chamado *Árvore da Vida*. Dentro de um projeto de sustentabilidade, esse artesanato remete a memória de um evento que está atrelada à construção da obra, que reverbera a operação executada pela Itaipu para salvar a vida dos animais que habitavam aquela região.

Aqui há um elemento importante a ser destacado, segundo Macdonald e Santos (2014)¹³ “além da árvore, os mitos do Dilúvio, a busca pela Terra sem Males, dentre outros, compõe a fenomenologia guarani em torno da formação do lago” (p. 19). Sobre isso, retomamos Decca (1999) quando trata dessa memória do passado que se faz presente; na sua formulação, “a memória se desprende da história, se autonomiza, se embaralha e se confunde com aquela história vivida como uma ficção coletiva, ganhando uma dimensão mítica, onde os deuses encarnados em figuras marcantes por uma experiência singular” (p. 121). Relembramos o fato:



Figura 3 – Operação *Mymba Kuera* que resgatou 36.450 animais habitantes da área inundada pelo Lago

Fonte: Disponível em: <<http://jie.itaipu.gov.br/node/48598>>. Acesso em: 20/04/17 às 17h30min.

O acontecimento registrado pelas lentes dos fotógrafos da época é reproduzido no artesanato *ñandeva* (em avá-guarani significa todos nós) que instaura outra narrativa, seja

¹³ Ver dissertação de mestrado “A árvore da vida: mitos e símbolos no artesanato de referência cultural do território trinacional de Iguaçu”, apresentada à Universidade Oeste do Paraná- Unioeste, no Programa de Pós Graduação, nível de mestrado em Sociedade Cultura e Fronteiras, de Mac Donald Fernandes Bernal, com orientação de José Carlos dos Santos.

de cuidado e preservação ao meio ambiente, direcionando a discursos a partir de um acontecimento trágico que encontra na subjetividade dos índios avá-guaranis elementos que se combinam, pois na fenomenologia guarani, a *Árvore da Vida* está atrelada a uma dimensão história que se dá com a formação do Lago.

A *Árvore da Vida*, conforme descrita no site do *Programa Trinacional de Artesanato Ñandeva*¹⁴, “é um artesanato típico Guarani, representando a formação do Lago de Itaipu em árvore com vários animais. São esculturas confeccionadas em madeira leiteiro ou canjarana. A matéria prima utilizada em sua fabricação, foi obtida de forma ambientalmente correta, socialmente benéfica e economicamente viável”. Em suma, este tipo de artesanato é uma alternativa sustentável para as famílias indígenas¹⁵, o *ñandeva* auxilia na comercialização e nos cursos.

A iniciativa deste projeto é do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/Paraná) em conjunto com vários municípios do Brasil, Argentina e Paraguai¹⁶. Dessa forma, ele é compartilhado com os três países que formam a tríplice fronteira e tem como objetivo a valorização de sua cultura regional. A escolha do nome guarani ao projeto é significativa, pois remete aos três países que fazem parte também do Mercosul, conforme escrevem MacDonald e Santos (2014), “no Brasil é de propriedade da Fundação Parque Tecnológico Internacional, na Argentina é de propriedade da FAM – Fundacion de Artesanías Misioneras e no Paraguai do PTI – Paraguay (p.215)”.

A seguir observamos um exemplo do trabalho realizado no projeto ñandeva:

¹⁴ *Árvore da Vida*, Guarani Ocoy. Fonte: Disponível em: <<http://www.nandeva.org/pt-br/produto/arvore-da-vida-ñuarani-ocoy>>. Acesso em: 15/04/17 às 11h33min.

¹⁵ Fonte: Disponível em: <<http://www.nandeva.org/pt-br/artesao/comunidades-indigenas>>. Acesso em: 15/04/17 às 11h42min.

¹⁶ O Projeto Ñandeva valoriza o artesanato da Tríplice Fronteira. Fonte: Disponível em: <<http://h2foz.com.br/pt/noticias/projeto-nandeva-valoriza-artesanato-da-triplice-fronteira-5215>>. Acesso em: 15/04/17 às 11h24min.



Figura 4 – *Árvore da Vida Guarani*

Fonte: Disponível em: <<http://www.nandeva.org/pt-br/produto/arvore-da-vida-guarani-ocoy>>. Acesso em: 20/04/17 às 18h.

Nesta obra percebemos a presença de um discurso de um acontecimento histórico evocado na imagem da fuga dos animais na árvore, a fuga é a lembrança desse acontecimento em que é reverberado a importância da preservação ao meio ambiente, ainda mais numa época em que as questões ambientais são bastante valorizadas.

As paisagens são dinâmicas, portadoras de sentido, trazem marcas da ação dos homens e da natureza, revelam uma narrativa dos espaços, dos lugares. Nosso monumento, Itaipu, provoca-nos à reflexão sobre as muitas histórias e memórias que compõem os patrimônios, isto é, nos incita a fazer uma escavação arqueológica em que cada camada traz uma narrativa, de dor ou de perda, de sucesso, de desafio, de medo, de gênero, de técnica, de trabalho, dentre outras, de acordo com a perspectiva do narrador. O conceito de patrimônio, neste contexto, é ampliado ao trazer ao cenário novos debates, incorporando novas categorias e permitindo a visibilidade de diversas culturas, através de elementos numa combinação da cultura material, imaterial e também paisagística.

Se no momento que se cogitou a construção da barragem, o discurso sobre o meio ambiente não era a pauta das agendas internacionais, a ata do Iguaçu de 1966, estabelece o início das negociações, promovendo a preocupação com as questões ambientais. Tais questões aparecem na Organização das Nações Unidas (ONU) somente em 1972, na conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano em Estocolmo, considerado um marco político e histórico que inicia o debate que ganha espaço nas comunidades internacionais.

O tratado data o ano de 1973, momento em que os assuntos acerca do meio ambiente ainda eram vistos com desconfiança. No Brasil, em sua fase inicial, a preocupação era com o desenvolvimento e a industrialização, no entanto, convém destacarmos que a valorização das questões ambientais dentro das ações da Itaipu foi uma exigência das agências financiadoras do capital estrangeiro, uma vez que a obra foi financiada com empréstimos externos.

Dentre os acontecimentos já relatados, ressaltamos também o movimento da população na véspera da inundação contra a destruição de *Sete Quedas*. Este movimento recebeu o nome de *Quarup* que remete ao ritual indígena *quarup* em memória às *Sete Quedas*, e na época, reuniu artistas e militantes. Em 13 de outubro de 1982, houve o fechamento das comportas do canal de desvio de Itaipu, em outras palavras, o sepultamento de *Sete Quedas*, considerada a maior cachoeira do mundo em volume de água.



Figura 5 – Visitação ao Parque Nacional de *Sete Quedas*

Fonte: <http://sadaosandro.blogspot.com.br/2011/10/sete-quedas.html>

Nos dias de hoje, ao analisarmos os assuntos em voga, podemos perceber que as questões ambientais e culturais estão na pauta das agendas de todos os países, e, talvez, não tenha sido por acaso que em 2010 foi firmado um acordo entre Brasil, Paraguai e Itaipu Binacional, colocando a cultura no centro das relações entre os dois países. Uma reportagem sobre o evento mostra o acordo como uma forma de pagamento aos indígenas que abandonaram suas terras, em um trecho, “este acordo de 44 milhões de reais em 3

anos não é nada de mais do que uma pequena compensação paga sem cobrar os juros que esta obra causou na vida de mais de 10.000 famílias Guarani”¹⁷.

No âmbito das políticas do patrimônio cultural surge o conceito de paisagem cultural. A portaria 127¹⁸ do Instituto do Patrimônio Artístico Histórico Nacional (IPHAN) estabelece a chancela da paisagem cultural brasileira. De acordo com o artigo primeiro: “paisagem cultural brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência imprimiram marcas ou atribuíram valores” (ALMEIDA, 2009). Nessa acepção, o conceito de paisagem cultural é o que há de inovador no debate do patrimônio, permitindo essa mescla de elementos com forte presença do homem e da natureza.

Se a paisagem cultural pode ser entendida como a ação do homem em determinado território, a barragem de Itaipu entrou na lista da sétima maravilha do mundo moderno pelo trabalho realizado pelo homem em um espaço considerado impossível de ser modificado pela força de sua natureza. Nesse caso, o patrimônio natural sofreu alterações pela intervenção humana, o leito do rio é desviado e toda uma paisagem é modificada, assim, o Lago artificial de Itaipu torna-se uma paisagem reinventada.

2. O espírito dos lugares e o movimento da memória

No ano de 2000, com o problema do “apagão brasileiro”, o operador nacional de sistema (ONS) solicita à Itaipu que aumentasse sua produção de energia, e a usina para atingir a carga máxima de produção de energia e para obter o recorde, provocou o rebaixamento do Lago que ocasionou novamente em uma modificação na paisagem em mais de 160 km de extensão, entre Foz do Iguaçu e Guaíra.

O que reapareceu nesses espaços foram ruínas de outras memórias. No lugar do Lago de Itaipu que formava as praias artificiais da região oeste paranaense e que lotava de banhistas nos dias quentes, servindo também de atrativo turístico para a região, surgiu um

¹⁷ Fonte: Disponível em: <<https://acordaterra.wordpress.com/2010/03/10/brasil-paraguai-e-itaipu-binacional-firmam-acordo-que-poe-a-cultura-no-centro-das-relacoes-entre-os-dois-paises/>>. Acesso em: 08/04/17 às 22h37min.

¹⁸ Fonte: Disponível em: <<https://iphanparana.wordpress.com/iphanparana/legislacao/legislacao-do-patrimonio-material/portaria-no-127-de-30-de-abril-de-2009/>>. Acesso em: 20/04/17 às 18h.

espaço barrento, com rastros de casas e objetos que a água não havia destruído nos 18 anos em que estiveram submersos, reapareceram marcas de outras histórias, referências das memórias dos antigos moradores do lugar. (RIBEIRO, 2000)

Para os habitantes da cidade de Guaíra que perderam uma das mais belas paisagens do Paraná, o salto de *Sete Quedas*, o rebaixamento do Lago foi mais impactante. Os habitantes mais antigos jamais esqueceram o som emanado da bela queda, som evocado principalmente nos dias de chuva que podem remeter a uma forte memória do lugar. De acordo com a notícia do jornal *O Estado do Paraná* na época do rebaixamento: “enquanto permaneceram submersas, Sete Quedas silenciaram. Agora, até a uma distância de cinco quilômetros é possível ouvir o som que sai das corredeiras dos saltos”¹⁹.

Nessa situação, os moradores paranaenses enviaram um documento ao então diretor da Itaipu Binacional chamado Euclides Scalco, solicitando que a usina mantivesse um nível mais baixo para “trazer à tona o espetáculo interrompido”. Mas o diretor respondeu que “Itaipu foi construída com a missão primordial de fornecer energia elétrica para o Brasil e Paraguai”²⁰.

Sete Quedas é uma das referências de Patrimônio Natural do Paraná²¹, aparecendo no *site* do Governo do Estado com a seguinte descrição: “patrimônio submerso pela represa de Itaipu”²², portanto, trata-se de um patrimônio natural que faz parte da história da região, da memória de seus habitantes, e a perda desse espaço é considerada como uma perda ambiental e uma violência com a memória. Memória que é parte essencial do patrimônio, dimensão imaterial do patrimônio. Aqui, é a memória do lugar que conecta os antigos moradores.

De acordo com a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial de 2003²³, as representações estão relacionadas com o sentimento de identidades e de pertencimentos, presentes nas

¹⁹ O Estado do Paraná de 09/01/2000.

²⁰ Queremos as Sete Quedas de volta. Fonte: Disponível em: <<https://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/10741#inicio>>. Acesso em: 15/04/17 à 14h14min.

²¹ São outras referências: Sete Quedas (patrimônio submerso pela represa de Itaipu), Cataratas do Iguaçu (patrimônio mundial e Parque Nacional), Vila Velha (bem tombado pelo Estado do Paraná), Baía de Paranaguá (a segunda maior baía do Brasil), Parque de Cartelá (o terceiro maior canyon do Brasil e do Parque Estadual), Mata de Araucária (árvore símbolo do Paraná e do Parque Nacional) e Mata Atlântica (patrimônio mundial com grande área preservada no Paraná).

²² Fonte: Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=21>>. Acesso em: 07/04/17 às 14h18min.

²³ Fonte Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>>. Acesso em: 22.03.2017 às 21h43

histórias, nas lendas e nos mitos do lugar. Nesse sentido, o Patrimônio Cultural inclui elementos da memória e tem uma relação com a identidade, sendo o patrimônio um conjunto de bens materiais e imateriais, que evocam lembranças de um tempo.

Sete Quedas, mesmo submersa, é um recurso patrimonial presente na memória dos antigos moradores e, presente também, na seleção de bens patrimoniais do Paraná, pois compõe a lista do Patrimônio Natural do Estado do Paraná. Se a Paisagem Cultural compartilhada pela UNESCO em 1992 é composta por elementos naturais, culturais e imateriais, encontramos nesse espaço todos os elementos articulados. Neste ponto, cabe mencionarmos o texto de Delphim (2010) que comenta sobre bens de valor patrimonial pelo *International Council on Site and Monuments* – ICOMOS. A carta de espírito dos lugares escrita pelo autor destaca:

“o espírito dos lugares sempre desempenhou um papel decisivo na vida dos indivíduos e dos povos desde a antiguidade. Lugares e paisagens apresentam aspectos especiais e mesmo essenciais ao ser humano. Não apenas as pessoas, mas também grupos sociais inteiros sentem-se atraídos por características particulares de certos sítios e ambientes naturais, podendo ocorrer que alguns cheguem a despertar sentimentos de tal dimensão, que acabem por se tornarem sagrados” (DELPHIM, 2010, p. 33).

Na mesma direção, para Santos (2006) as “paisagens compõe um conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente compõe uma área” (p. 66). Se bem entendemos os autores, podemos escrever que Itaipu compõe um conjunto de elementos naturais e artificiais, desde o conjunto arquitetônico da barragem até o Lago, e nos espaços reinventados surgem novas territorialidades e, conseqüentemente, novas memórias juntamente com a produção do esquecimento. O Lago, por exemplo, transforma-se em paisagem da memória vista de forma diferenciada por seus moradores.

No passado, considerando a narrativa de um dos agricultores desapropriado que talvez tenha migrado para o Estado de Rondônia ou para o Paraguai, a representação do Lago é concebida como “um lago de sangue e suor” (cf. RIBEIRO, 2000). Já na contemporaneidade, o Lago é um atrativo turístico explorado pelas prefeituras locais dos municípios que surgiram e cresceram no seu entorno. Dessa forma, o Lago de Itaipu e a própria hidrelétrica produzem e provocam esse movimento da memória.

De todo modo, são diversas identidades e memórias presentes na paisagem formadora da região. A monumental barragem é uma mescla de várias tradições, e por isso, nossa preocupação em fazer uma leitura como se estivéssemos fazendo uma escavação arqueológica, em que a cada camada há a descoberta de novas leituras. A partir de Itaipu temos uma nova paisagem com um conjunto arquitetônico da barragem e do Lago com as praias artificiais da região e os novos municípios que se formaram ao longo dele. Não deixando de lado o cenário da região que antes da barragem também já havia sofrido transformações pela ação dos homens na agricultura e na pecuária.

De maneira semelhante aos moradores de Guaíra que escutam o som de *Sete Quedas* em dias de chuva, a experiência das mulheres da zona de meretrício revela uma luta que é surda na manutenção de uma memória. No local em que foi construída a vila A para abrigar os trabalhadores de nível médio de Itaipu funcionava, no passado, a zona de meretrício. Uma antiga moradora desse espaço, chamada Ataltina, apresentou-nos um depoimento muito intenso que revelava esse passado de 25 anos, nas palavras da senhora, “coisa linda, sempre passo lá, onde era minha casa, tinha uma goiabeira, não tiraram a goiabeira de lá” (cf. RIBEIRO, 2000).

Nesta passagem citada, a goiabeira transforma-se em lugar de memória, um território conhecido. E assim como Ataltina, outras moradoras de Três Lagoas nomeiam em suas narrativas os espaços da rua, das casas, atuando como lugares de memória que representam modelos de subjetividade, portadores de uma história de lembranças, de conflitos e desejos.

Nessa perspectiva, Itaipu promove a reinvenção dos espaços na região da fronteira do Brasil com o Paraguai, desde Foz do Iguaçu até Guaíra. Pautando-nos nas reflexões de Delfhim (2010) ao abordar “o espírito da paisagem” podemos pensar que existem dois movimentos. O primeiro, referindo-se ao que havia antes do Lago:

edificações, sítios, paisagens, rotas e objetos e intangíveis com as memórias, narrativas, documentos escritos e tradição oral, rituais, festivais, sentimento de sagrado e de adorações, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, e outras, ou seja, os elementos físicos e espirituais que dão significado, emoção, sentimento e mistério ao lugar (DELPHIM, 2010, p.32).

E o segundo movimento, referindo-se ao que existe depois do Lago: novas edificações, novos sítios, novas paisagens, novas rotas, novos objetos etc. Essas memórias interagem entre si em diferentes níveis, conforme o autor citado, “o bem material, tangível, não é mais considerado de forma destacada do espírito do lugar, seu componente intangível. Nada há de adverso entre eles, ambos se interagem e se edificam de forma mútua e recíproca” (DELFHIM, 2010, p. 32).

Palavras finais

O movimento dos agricultores, bem como o material produzido durante sua trajetória, é extremamente rico na medida em que encontramos em sua materialidade homens e mulheres enquanto sujeitos históricos. Nessa concepção, ao revisitarmos a memória das desapropriações, encontramos uma memória diferente daquela que se encontra preservada nos museus, uma memória que aparece na leitura das ruínas cujos sentidos são revelados aos poucos pelos próprios espaços.

A memória desse impacto é um patrimônio na perspectiva da memória das lutas populares, da memória dos lugares. O movimento dos agricultores desapropriados e o cotidiano de trabalho dentro da barragem encontram-se escritos no *Boletim Poeira*, material produzido pela Comissão da Pastoral da Terra – CPT, durante todo o período de embate com Itaipu. Estes documentos produzidos durante o conflito com a Itaipu são carregados de historicidade, pois neles consta a maneira como percebiam o mundo e as representações. Nas palavras de Ribeiro (2000), “uma poesia, uma reza, um desenho, um mito são exemplos de documentos que expressam todo um saber” (2000, p. 265).

Sendo um dos projetos de maior impacto da transformação da natureza e da ecologia do Planeta, a usina de Itaipu representou um enorme abalo socioambiental que acarretou prejuízos principalmente, humanos. São impactos que precisam ser analisados de modo que privilegie a memória social oportunizando a visibilidade de sujeitos outrora invisíveis, ao dar ênfase em sua trajetória, em seu sofrimento que tem relação direta com o impacto da obra, como por exemplo, os índios, os agricultores, os barrageiros, as mulheres da zona etc. São memórias do lugar, são significações da perda dos espaços como em Guaíra, em

que o som da bela cachoeira submersa, continua presente na memória dos moradores como uma música ao longe, rememorada ao som dos pingos de chuva.

Infelizmente, estas questões que aqui tratamos, são percebidas e ouvidas com maior ênfase quando ocorre outro desastre de grande proporção ambiental como a tragédia de Mariana (MG), por exemplo, ocorrida em novembro de 2015, em que houve o rompimento da barragem de fundão e a destruição do patrimônio histórico e cultural de Bento Rodriguez. Um acontecimento histórico que reverbera outras tragédias, e chama atenção para o descaso que ainda continua sendo uma problemática em nosso país.

No período da ditadura militar, em que não se tinha liberdade para denúncias e o debate do meio ambiente estava sendo gestado, o projeto Itaipu foi aprovado considerando os impactos ambientais e sociais como menos relevantes que os econômicos. Atualmente, prevalece ainda os interesses do capital, mesmo com todas as discussões ambientais que tivemos em todos esses anos, a tragédia de Mariana traz, novamente, para pauta questões relacionadas ao descaso com o patrimônio cultural e natural.

Seria portanto este desastre, assim como outros uma forma de patrimônio imaterial? É uma indagação premente. Existiria um dever de memória associado aos desastres e grandes transformações ambientais. Pensamos que sim. O dever de memória presente nos suportes de memória representa uma possibilidade de compreensão as tensões inerentes nos embates entre cultura e natureza. Logo, se a natureza é vista e inventada pelo olhar da cultura, não se pode esquecer que tudo o que existe na cultura invariavelmente tende a voltar para a natureza. Portanto, é nos movimentos da memória que se pode compreender o patrimônio imaterial como fonte de conhecimento e reconhecimento das comunidades inseridas nestes intrincados processos, Resta portanto, o dever na área patrimonial em conhecer e registrar as memórias dissonantes normalmente silenciadas pela oficialidade.

Referências

ALMEIDA, Luiz. Portaria n. 127, de 30 de abril de 2009. In: IPHAN/PR, 2009. Fonte: Disponível em: <<https://iphanparana.wordpress.com/iphanparana/legislacao/legislacao-do-patrimonio-material/portaria-no-127-de-30-de-abril-de-2009/>>. Acesso em: 20/04/17 às 18h.

BARBOSA, Mario Gibson. *Na Diplomacia, o traço todo da vida*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política* (obras escolhidas). v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOZO, Poliana; DEMCZUK, Paula. Turismo em Foz do Iguaçu, PR: O Patrimônio Cultural Libanês. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*. v. 7, n. 3, jul./set., 2015.

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/3454/pdf_464>. Acesso em 08/04/17 às 14h29min.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume :Belo Horizonte:IEDS,2009.

DECCA, Edgar. Ensaio sobre a memória anarquista: a história como ficção. *Revista História Oral*, v. 2, 1999. p.111-34.

DELPHIM, Carlos. O espírito da Paisagem. *Revista Brasileira de Horticultura ambiental*. v.16, n.1, 2010. p. 31-33.

MACDONALD, Fernandes; SANTOS, José. A Árvore da vida, o mymba kuera e o dilúvio na tríplice fronteira. *Revista Ideação*. Foz do Iguaçu, v.16, n. 2, 2014. p. 203-225.

PORTAL BRASIL. Senado aprova acordo entre Brasil e Paraguai sobre excedente de energia de Itaipu. 2011. Fonte: Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2011/05/senado-aprova-acordo-entre-brasil-e-paraguai-sobre-excedente-de-energia-de-itaipu> >. Acesso em: 08/04/2017 às 21h55min.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. *Memórias do Concreto: vozes na construção de Itaipu*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

_____. A reinvenção da paisagem e os espaços da memória. In. SOUZA, Álvaro (org.). *Paisagem, território, região: em busca da identidade*. Cascavel: Edunioeste, 2000. p. 259-272.

SAMUEL, Raphael. “Teatros da Memória”. Projeto História (Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP), São Paulo, n.14,1997.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SÓRIA, Miguel. *Usina de Itaipu: integração energética entre Brasil e Paraguai uma síntese histórica de Itaipu Binacional*. Foz do Iguaçu: Itaipu Binacional, 2012.